

Foucault contra Sartre: a visão do intelectual

Foucault versus sartre: a vision of the intellectual

Daniela Lima

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Partindo dos projetos de intelectualidade representados por Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Michel Foucault (1926-1984) na década de 1960, este artigo pretende analisar os conceitos de *intelectual universal* e de *intelectual específico*, bem como sua influência no pensamento francês contemporâneo e no engajamento político.

PALAVRAS-CHAVE: Jean-Paul Sartre; Michel Foucault; intelectual; verdade; poder.

ABSTRACT: Using the projects of intellectuality represented by Jean-Paul Sartre (1905-1980) and Michel Foucault (1926-1984) in the 1960's this article aims to analyze the concepts of *universal intellectual* and *specific intellectual* as well as its influences in the French contemporary thinking and in the political engagement.

KEYWORDS: Jean-Paul Sartre; Michel Foucault; intellectual; truth; power.

“Tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate.” (PROUST *apud* FOUCAULT, 1979, p. 71)

“Bizarro e desconcertante, mas também estudioso obstinado” (ERIBON, 1989, p. 40), é assim que os antigos colegas da *École Normale Supérieure* se lembram de Paul-Michel Foucault. Em julho de 1946, quando Foucault passou a frequentar a *Rue d’Ulm*, onde fica a ‘*Normale Sup*’, o existencialismo estava em seu auge. Nos intervalos das aulas, os alunos deslumbrados pelas ideias de Jean-Paul Sartre subiam em bancos lendo trechos de “*L’être et le néant*”, que fora lançado três anos antes.

Em outubro do mesmo ano, Sartre anunciava sua palestra “*L’existentialisme est un humanisme*”, que atraiu uma multidão para o *Club Maintenant*:

Sartre foi de metrô. Quando dobrou a esquina, ficou abismado com a multidão que encontrou na rua. Levou 15 minutos abrindo caminho entre o povo para chegar ao pódio (...). A sala estava apinhada de gente e quente. No empurra-empurra, cadeiras foram quebradas e pessoas desmaiaram. (ROWLEY, 2011, p. 188)

O existencialismo e a fenomenologia estão no auge de glória e os alunos da *École Normale* são fascinados por Sartre, como todo o mundo, de tal maneira ele esmaga sua época. (ERIBON, 1989, p. 46)

Em diversas entrevistas, Foucault declarou que durante sua juventude queria se livrar de tudo que Sartre representava. O peso da figura

de Sartre, que parecia fascinar e ao mesmo tempo esmagar a geração de Foucault, era o peso do intelectual universal.

Em maio de 1968, os gritos de “teremos um bom mestre, desde que cada um seja o seu”¹ começaram a tomar as ruas, tal qual pedras atiradas no modelo do intelectual sartreano.

É das barricadas daquele maio que surge uma diferente perspectiva de intelectual representada por Foucault: o *intelectual específico*.

Será espantoso que o papel que foi de Sartre, nas duas décadas que vão do fim da II Guerra Mundial até o fim da Guerra da Argélia, fosse assumido por Foucault (...) após maio de 1968? (RIBEIRO, 1995, p. 167)

A passagem de Sartre a Foucault não foi espantosa. Mas também não ocorreu como uma corrida de revezamento em que um passa o bastão para o outro, quanto menos significou a substituição de uma representação de intelectual pela outra. O surgimento de Foucault promoveu deslocamentos e fissuras no modelo do intelectual universal, que, no entanto, continuou coexistindo com a eferescência de uma nova intelectualidade.

Essa coexistência, embora permeada por certo belicismo, também experimentou encontros entre as duas gerações de intelectuais nas ruas de Paris, nas décadas de 1960 e 1970. Data desta época a famosa foto em que Sartre e Foucault, com megafones, se manifestam pelas ruas parisienses.

UM BREVE SOPRO SOBRE O SURGIMENTO DO *INTELLECTUEL*

Segundo Bianchi (2016, não paginado), “embora o tipo social que caracteriza o intelectual já estivesse presente na França no final do século XVIII,

¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL463636-15530,00-CO-NHECA+DAS+FRASES+MAIS+MARCANTES+DE+MAIO+DE.html>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

o surgimento do substantivo *intellectuel* data do final do século XIX”. Foi durante o *Affaire Dreyfuss*, fato político que dividiu a opinião pública francesa durante muitos anos, que a palavra se difundiu.

O capitão Alfred Dreyfuss foi acusado de alta traição por supostamente vender informações aos alemães e recebeu pena de prisão perpétua em 1894. No entanto, um grupo de escritores, entre eles Émile Zola, denunciou irregularidades no caso alguns anos depois.

Foi a partir do *Affaire Dreyfuss* que a noção de intelectuais se populariza. No dia seguinte à publicação pelo jornal *L'Aurore* da conhecida carta *J'Accuse*, de Émile Zola ao presidente da república, em 13 de janeiro de 1898, o mesmo jornal começou a publicar a lista de personalidades favoráveis à revisão do processo, que ficou conhecida como *Manifeste des intellectuels*. (BIANCHI, 2016)

Os primeiros signatários eram escritores e outras personalidades das letras que acabaram sendo designadas pela palavra *intellectual*.

A expressão [*intellectual*] foi incorporada pelos próprios atores que passaram a se referir a si próprios por meio dela, o que (...) não deixava de ocultar uma certa afirmação de superioridade, um certo orgulho de porta-vozes da Razão. (BIANCHI, 2016)

É possível associar o surgimento da categoria social *intellectual* à imagem de *intellectual universal* que, posteriormente, seria associada ao intelectual sartreano.

O INTELECTUAL UNIVERSAL (OU TOTAL): A VERDADE COMO ARMA

O intelectual é alguém que se mete no que não é de sua conta e que pretende contestar o conjunto das verdades, e das condutas que nelas se inspiram, em nome de uma concepção universal do homem e da sociedade. (SARTRE, 1994, p. 14)

Não foi apenas o anúncio da morte dos intelectuais nas paredes e esquinas de Paris que levaram Sartre a dar uma série de conferências sobre o papel do intelectual. Em 1965, havia também o contexto político das lutas pela emancipação colonial – em especial, a Guerra do Vietnã. E havia, é claro, o silêncio ruidoso de certa intelectualidade encastelada em seus gabinetes e avessa ao debate público.

É verdade que eles [*os intelectuais*] podem pertencer à grêmios e associações, mas apenas para defender seus interesses materiais: não têm solidariedade para com os outros (...) formam uma casta excêntrica e muita rabugenta, sem muito contato com o resto da população. (SARTRE, 2015, p. 130-131)

As três conferências realizadas no Japão, e posteriormente publicadas sob o título “Em defesa dos intelectuais”, se dividiam da seguinte maneira: “O que é um intelectual?”, “Função dos intelectuais” e “O escritor é um intelectual?”. Na primeira conferência, Sartre, citando Paul Nizan, diz que um intelectual que não se engaja politicamente é apenas um “cão de guarda”.

Para Sartre (...), além de falso, o “intelectual” se tornará reacionário se encerrar-se numa “torre de marfim”, portanto, recusando o engajamento. O verdadeiro intelectual constata e contesta a alienação dos homens, apoia o radicalismo das ideias e se engaja na defesa dos oprimidos. É, por isso mesmo, revolucionário, pois, reconhece a necessidade da “crítica das armas” tanto quanto a ‘arma da crítica’ para a mudança social. (ALMEIDA, 2012, p. 34)

Como quem está disposto a derrubar as portas dos gabinetes e trazer a intelectualidade para as ruas, Sartre propõe uma distinção entre cientista e intelectual: um físico que construísse uma bomba atômica seria um cientista, já um físico que contestasse a construção da mesma bomba seria um intelectual. Ou seja, a intelectualidade, segundo Sartre, é aquilo

que está para além das técnicas do saber prático. O *intelectual universal* é aquele que se engaja e participa da História por meio de ações concretas, ou seja, é aquele que se posiciona em relação a uma causa moral (no caso de Sartre, uma moral fundada na liberdade) por meio da ação política.

Em razão do engajamento, pode-se ver o *intelectual universal* como aquele que pretende explicar o mundo e construir um discurso de *verdade* que contribua para uma tomada de consciência das massas e, consequentemente, para o despertar de uma ação política coletiva. Por isso, os *intelectuais universais* também são chamados de *intelectuais proféticos*.

Nomeando a conduta de um indivíduo, nós a revelamos a ele; ele se vê. E como ao mesmo tempo a nomeamos para todos os outros, no momento em que ele se vê, sabe que está sendo visto; (...) Depois disso como se pode querer que ele continue agindo da mesma maneira? Ou irá perseverar na sua conduta por obstinação, e com conhecimento de causa, ou irá abandoná-la (...); em cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo (...). O intelectual engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. (SARTRE, 1993, p. 20)

O *intelectual universal* pode ser entendido como aquele que pretende levantar o véu que encobriria as verdades do mundo. Os discursos de Sartre contra a Guerra da Argélia, por exemplo, eram marcados pela ideia de que os intelectuais agiam “*pour la vérité*”: era o dizer verdadeiro dos intelectuais que se opunha às mentiras da imprensa e dos políticos, revelando a barbárie da questão colonial. Portanto, a verdade, tão central no discurso de Sartre, era uma verdade histórica contra as mentiras que pretendiam condicionar as massas.

Na definição de Sartre, o intelectual engajado, enquanto mestre da verdade, teria por função ética, representar uma ‘consciência universal’. A esse propósito, a frase de Merleau-Ponty, escrita em 1946, exprime bem essa missão auto-atribuída ao intelectual: ‘nós não temos muitas armas, particularmente, nós não dispomos de

uma arma poderosa, nós só temos uma arma: a verdade, é essa arma que deverá ser utilizada.’ (RODRIGUES, 1999, p. 5)

Em “*Que é a literatura?*”, Sartre (1993) diz que um intelectual precisa ser o espelho de seu tempo. A metáfora retoma o imperativo da verdade, já que o espelho é o objeto que mostraria o mundo tal qual ele é. Por achar que possui essa visão profética do mundo, o *intelectual universal* toma para si o privilégio da crítica, como quem está sempre um passo a frente dos outros e que, portanto, seria capaz de revelar uma “verdade histórica” às massas. Para Sartre, o intelectual é aquele que reconhece as verdades históricas de sua época, percebendo a ressonância de suas palavras e também de seus silêncios.

O INTELLECTUAL ESPECÍFICO (OU DISSIDENTE): A QUESTÃO DO PODER

Um maoísta se vira para Foucault (1979, p. 70) e diz: “eu compreendo porque Sartre está conosco, porque e em que sentido ele faz política; você, eu compreendo um pouco: você sempre colocou o problema da reclusão”.

A história contada por Foucault em uma conversa com Deleuze, posteriormente publicada sob o título “Os intelectuais e o poder”, já anunciava duas premissas do *intelectual específico*: o engajamento político, ponto de aproximação entre Foucault e Sartre, e o interesse por questões pontuais, como a reclusão, o que significava um afastamento da visão totalizante dos *intelectuais universais*.

As lutas pontuais refletiam o contexto cada vez mais fragmentário da contemporaneidade. Este período iniciou o outono da figura do *intelectual universal*, ou seja, o despetalar daqueles que se colocavam como consciências infelizes de sua época.

Em 1972, quando Deleuze e Foucault debateram publicamente o papel do intelectual, os ventos da contemporaneidade pareciam soprar com mais força sobre a figura do *intelectual universal*. Nos primeiros minutos de diálogo, Deleuze já aborda uma questão que sempre atravessou a história dos intelectuais engajados: as distâncias e aproximações entre teoria e prática.

Às vezes se concebia a prática como uma aplicação da teoria, como uma consequência; às vezes, ao contrário, como devendo inspirar a teoria, como sendo ela própria criadora com relação a uma futura teoria. De qualquer modo, se concebiam suas relações como um processo de totalização, em um sentido ou em um outro. Talvez para nós a questão se coloque de outra maneira. As relações teoria-prática são muito mais parciais e fragmentárias. (...) A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro. (DELEUZE, *apud* FOUCAULT, 1979, p. 69-70)

O desdobramento desse raciocínio levou Deleuze a citar o Grupo de Informação sobre as Prisões, G.I.P., que firmaria uma ponte entre a teoria da reclusão pensada por Foucault e a prática daqueles que estavam no cárcere. No entanto, o que Foucault descobriu no G.I.P., e que Deleuze já antecipara em sua fala, é que os encarcerados também tinham uma teoria da prisão, da penalidade e da justiça. Portanto, havia no G.I.P. um revezamento entre teoria e prática que envolvia tanto os filósofos como os encarcerados.

Diferentemente dos *intelectuais universais*, os *intelectuais específicos* não se colocavam um passo a frente das massas, muito pelo contrário, queriam que elas comesçassem a falar por si próprias, entendendo inclusive o papel do poder dos intelectuais na invalidação do saber das massas.

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem.

Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. (...) Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da ‘consciência’ e do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais o de se colocar ‘um pouco na frente ou um pouco de lado’ para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do discurso. (FOUCAULT, 1979, p. 71)

O revezamento entre teoria e prática mostra que, mesmo a verdade, é uma questão de poder. Quando Foucault dialoga com os encarcerados, descobre uma determinada verdade que, por conta das relações de poder, não era percebida ou considerada.

Desta perspectiva, surge uma das tarefas mais centrais de Foucault como *intelectual específico*: designar e denunciar focos particulares de poder, falar publicamente deles, nomear quem está nessa condição de poder – ainda que seja ele mesmo, em seu papel de intelectual.

Mas se é contra o poder que se luta, então todos aqueles sobre quem o poder se exerce como abuso, todos aqueles que o reconhecem como intolerável, podem começar a luta a partir de sua atividade própria. (...) E, na medida em que devem combater todos os controles e coerções que reproduzem o mesmo poder em todos os lugares, esses movimentos estão interligados. (FOUCAULT, 1979, p. 77-78)

Por fim, é importante dizer que, ao contrário do que é dito pelos *intelectuais universais* desde a década de 1960, as lutas específicas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos loucos contra um poder que oprime, controla e coage, estão ligadas entre si, uma vez que as relações de poder se reproduzem e se interligam em todos os lugares. Segundo Foucault, não existe um “fora” do poder. Lutar contra o poder de forma

radical e revolucionária é estar interligado por meio de diferentes processos de resistência.

DA DISTÂNCIA ENTRE RIVIÈRE E FLAUBERT AO ENCONTRO NAS RUAS DE PARIS

“Não chega nem mesmo a entabular um discurso original”, disse Sartre (*apud* YAZBEK, 2008, p. 7) sobre “*As palavras e as coisas*”, acusando Foucault de erguer a última barreira burguesa contra Marx. Este impasse tinha como ponto central a crítica da figura do homem desenvolvida por Foucault, que se opunha radicalmente à ideia de Sartre de que das ruínas da desalienação surgiria o homem verdadeiro.

O homem é uma invenção cuja arqueologia do nosso pensamento mostra facilmente a data recente. E talvez o fim próximo (...) pode-se apostar que o homem se dissolverá como um rosto de areia na borda do mar. (FOUCAULT, 2007, p. 536)

Em 1964, Foucault diz que “o homem não começa da liberdade” (*Ibidem*, p. 27), o que já indicava seu interesse pelos processos de construção da liberdade. O autor de “*Surveiller et punir*” pensava a relação entre os jogos de verdade e as relações de poder que restringiam a liberdade. É uma visão distinta do intelectual sartreano, fundamentalmente livre, capaz de decidir sobre si mesmo. Se para Sartre liberdade é o “fundamento de todas as essências” (*Ibidem*, p. 150), para Foucault liberdade é uma prática de resistência. As diferentes perspectivas de liberdade levaram a diferentes perspectivas de engajamento: do universal sartreano ao particular foucaultiano.

A liberdade pensada por Sartre está na base de sua visão totalizante da política e de um engajamento intelectual em questões consideradas globais.

As diferenças radicais entre Sartre e Foucault continuarão a subsistir (...) Foucault assinala o seu engajamento afirmando estar ligado a ‘certos combates’ – combates pontuais, locais: ‘medicina, psiquiatria, penalidade’ –, ao passo que Sartre sempre pareceu posicionar-se em termos de *um* combate aquele referente ao ‘gênero humano’, à desalienação do ‘homem’ como ‘sujeito da História’. (YAZBEK, 2008, p. 287)

Para Foucault, era justamente a restrição da liberdade que precisava ser combatida por meio do engajamento em questões pontuais, como o próprio lugar do intelectual nas relações de poder. Segundo Yazbek (2008, p. 289), Foucault faz uma inversão decisiva na forma de colocar a questão do *intellectual engagé*: o intelectual não seria mais aquele que, por se ligar voluntariamente à verdade, questiona o poder, mas aquele que questiona seus próprios vínculos com o poder.

Substituir, enfim, o intelectual universal pelo intelectual específico, é o desmascaramento da realidade das relações entre verdade e poder que está em jogo; logo, a função do intelectual seria a de agir sobre a ‘produção de verdade’ na medida em que a verdade, ela própria considerada na perspectiva de eixo gravitacional das relações de saber/poder, for implicada em seu aspecto de assujeitamento. (YAZBEK, 2008, p. 297)

Essa perspectiva se reflete na apresentação de “*Moi, Pierre Rivière, ayant egorgé ma mère, ma soeur et mon frère*”. Muito mais do que uma análise, o livro apresenta o relato do próprio Rivière, o que é *per se* uma ruptura com a perspectiva do intelectual sartreano, que nos moldes do que Sartre fez com Flaubert em “*L’Idiot de La Famille*”, se coloca no lugar de consciência do outro.

O livro sobre Pierre Rivière segue a mesma inspiração. (...) Nele, Foucault não quis interpretar o que dizia esse matricida do século XIX, que a normalidade considerou louco; em vez de analisá-lo, os

autores do livro redigiram textos complementares ao do próprio Rivière. (...) Foucault rompia exatamente com o modelo que podemos (...) denominar sartreano. Sartre, por essa época, compreendia Flaubert, como antes havia compreendido Baudelaire (...) admitindo ser a consciência alheia. (RIBEIRO, 1995, p. 170)

Apesar das diferentes visões de liberdade e engajamento, Foucault e Sartre se encontraram diversas vezes no campo da prática política efetiva. Em 27 de novembro de 1971, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jean Genet, Claude Mauriac, entre outros intelectuais, estavam reunidos na *Maison Verte*, espaço que abrigou muitas lutas ao longo de décadas, para definir os últimos detalhes do protesto contra o assassinato de um jovem argelino vítima de racismo. Em seu diário, Mauriac (*apud* ERIBON, 1989, p. 222) relata que eles já estavam conversando há duas horas, quando “um homem envelhecido, discreto, entrou na sala” (*Ibidem*) fazendo todos se calarem. Foi nesse quase silêncio que Michel Foucault e Jean-Paul Sartre se conheceram. Embora já tivessem se visto em um comício na *Mutualité*, nunca tinham sido apresentados formalmente. Cinco anos haviam se passado desde a polêmica em torno de “*Les mots et les choses*”, quando Sartre e Foucault se reuniram em torno de uma ação conjunta: o protesto contra a morte de Djellali Ben Ali, de apenas 15 anos.

Os ventos subversivos que varreram as ruas de Paris pareciam capazes de derrubar muros que separavam intelectuais e tornar seus fragmentos parte de uma mesma coisa: a luta antirracista. Milhares de pessoas estavam reunidas nos protestos que tomaram a *Rue La Goutte d’Or*, quando alguém gritou: “Vejam, ali estão Foucault e Sartre!”. Com megafones nas mãos, Foucault e Sartre defendiam como sempre defenderam, o engajamento como uma exigência do modo como suas filosofias dialogam com sua época.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rodrigo Davi. Ensaio sobre as contribuições teórico-metodológicas de Jean-François Sirinelli, Jean-Paul Sartre e Norberto Bobbio para a história, a definição e a função social dos intelectuais. Mato Grosso: UFMT, 2012.

BIANCHI, Alvaro. Sobre o conceito de intelectual. 2016. Disponível em: <<http://blogjunho.com.br/sobre-o-conceito-de-intelectual/>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RIBEIRO, Renato Janine. *O intelectual e seu outro: Foucault e Sartre*. São Paulo: Tempo Social, 1995.

RODRIGUES, Elenice. *O intelectual no “campo” cultural francês – do “Caso Dreyfus” aos tempos atuais*. Paraná: UFPR, 1999.

ROWLEY, Hazel. *Tête-à-Tête*. São Paulo: Objetiva, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1993.

YAZBEK, André Constantino. *Itinerários cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault*. São Paulo: PUCSP, 2008.